

**Sobre *muse* e a Musa: (com)textos de sabedoria em
Confessio Amantis de John Gower e sua tradução ibérica**

Maria do Carmo Correia de Oliveira
Universidade Católica, Lisboa

A miséria da minha condição não é estorvada por estas palavras conjugadas, com que formo, pouco a pouco, o meu livro casual e meditado.

Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*

The wretchedness of my condition isn't affected by these conjugated words with which I construct, little by little, my haphazard book of musings.

Bernardo Soares, *The Book of Disquietude*
(trad. Richard Zenith)

As citações em epígrafe não sugerem apenas o objecto desta análise, já que, por fortuna nossa, da confrontação entre elas sobressai a questão translatória que aqui pretendemos dirimir. Na tradução para inglês do “semi-heterónimo” de Pessoa, Richard Zenith insinua a existência de um acidental “book of musings” – afinal, tão conforme à pose doentivamente ensimesmada de Bernardo Soares – e fá-lo, declinando, por um lado, o mais literal *meditated* e optando, por outro, por um termo/conceito que não tem correspondência directa na língua portuguesa, apesar de um arcaico e raro “musar”.¹ Curiosamente, no contexto das digressões metafísicas do Livro do Desassossego, a subtil domesticação semântica operada por Zenith assume tal verosimilhança que facilmente concedemos ao lisboeta Soares o estatuto de *muser* inveterado.

Robert Payn e Juan de Cuenca, alegadamente responsáveis, respectivamente pelas traduções directa e indirecta da obra inglesa de John Gower, *Confessio Amantis* (1390-93)² –, independentemente dos contornos históricos da sua ligação (Cortijo Ocaña 583)³ – trabalharam o percurso inverso do tradutor pessoano, confrontados, por um lado, com a estranheza que *muse*, ao tempo, colocaria na língua de partida (apesar do alegado bilinguismo de Payn) e

¹ Veja-se Morais VII, 121: inclui o verbo intransitivo *musar* como “falar baixo” (ant.), sem qualquer referência etimológica, o mesmo acontecendo com Machado 1981, VII, 477. Registe-se, por outro lado, a omissão do termo em Bluteau V, apesar de fornecer uma elucidativa explicação sobre a etimologia complexa do termo “musa” (“canto” ou “indagação” no grego antigo), com referência à existência da forma verbal em grego com o sentido de “ensinar”, em toscano, com o significado “estar com os beijos juntos” e “cuidar fixamente em alguma coisa”, ou, em alternativa, o verbo italiano de origem veneziana, significando “estar ociosamente de modo estúpido (...) do jeito das bestas”; verificou-se igualmente a omissão em Cândido de Figueiredo II, Bivar II e em Machado 1977, IV e 1993, II; bem como em Nascentes 3; conferiu-se a mesma omissão em Corominas e Pascual, IV; cf. também significados do verbo latino *mussare* em Ferreira 748.

² Citamos pela edição crítica de *The English Works of John Gower* I, II, pelo que, no nosso trabalho, se fará apenas referência aos livros e versos respectivos.

³ Reactualiza o estado da questão em relação à “*Confessio* portuguesa” (1430): as discrepâncias entre o texto do recém-descoberto manuscrito português de Palacio (conforme anunciado por Antonio Cortijo Ocaña em 1995) e o texto castelhano de Cuenca, a eventualidade da existência de mais do que um exemplar do texto de *O Amante*, bem como a ligação - menos óbvia do que seria de esperar - entre Payn e Cuenca, constituem factos que alargam o horizonte de expectativas em relação à possibilidade de levar a cabo um estudo comparado entre o original inglês e as suas traduções ibéricas, directa e indirecta.

condicionados, por outro, com as dificuldades naturais da sua transposição para o português e o castelhano da primeira metade do século XV, onde o termo seria pelo menos invulgar.

Embora a omissão do lexema pareça constituir a *norma* de tradução, os mecanismos de compensação que detectámos em *Confesión del Amante*⁴ são, por certo, reveladores do entendimento que ambos os tradutores tiveram de segmentos importantes da obra de Gower, bem como do aparato linguístico e retórico de que dispunham ou sabiam utilizar (Santano Moreno 177-78) – no que poderíamos considerar uma leitura medieval privilegiada (Farnham).

As ocorrências lexicais em torno do radical *muse* constituem, na própria *Confessio*, um produto de apropriação linguística recente e instável, já que, segundo o *Oxford English Dictionary* (1961)⁵ terá sido sobretudo Gower, a par de Langland e Chaucer, a utilizar pela primeira vez de forma recorrente o galicismo em questão, o que aconteceu nas formas próximas *muse*, *musen*, *musende* e *musing* (Pickles e Dawson 402), bem como na forma menos óbvia *camused* (5. 2479) ou nas mais longínquas *cornemuse* (8. 2483) e *musette* (8. 2677). Pretenderia o poeta um duplo efeito prosódico, aliterante e de rima, – de *muse* com *use*, *refuse*, *excuse*, etc. – mas também de reiteração semântica, não necessariamente pleonástica, nas *nuances* de sentido conseguidas pelos duetos *studie and muse*, *muse and thenke*, *loke and muse*, ou *muse and prie*, que dão expressão a vários aspectos do saber e da memória.

Apesar de preferirmos um tratamento mais dinâmico dos diferentes discursos que configuram o todo da *Confessio*, optámos, desta feita, por isolar dois níveis de leitura: o das histórias e o das confissões. O nosso objectivo é dar relevo aos contextos de sabedoria que, no poema inglês e no texto ibérico, concorrem para as ocorrências lexicais acima mencionadas. Desta pesquisa resultaram os agrupamentos que aqui se expõem de forma obrigatoriamente sucinta:

1. Sete histórias de reis

No Livro 1 do poema de Gower, que desenvolve o tema da Soberba,⁶ assistimos ao início de uma arquitectura complexa que conjuga, em espelho, o encaixe dialógico das confissões com as micronarrativas que ilustram os subvícios dos pecados mortais – isto, a par de um intrincado argumento sobre o primado da vista sobre o ouvido, argumento que corre transversalmente no tecido das fábulas. O livro encerra com uma história espanhola, de fonte desconhecida, sobre a derradeira disputa entre o “vanaglorioso” rei Afonso, no inesperado epíteto de Cuenca,⁷ e, por manifesta oposição, a formosa Peronelle (Petronella < Petronjla), uma “humilde” mas expedita donzela (Yeager 325-30). A denominada “Tale of Three Questions” (1.3067-3402) desdobra-se, por isso, dentro do formato de jogo fatal, contrapondo dois mundos, dois sexos e dois tipos de sabedoria: a *imaginação* de Afonso em oposição ao *siso* de uma rapariga de catorze anos

⁴Citamos pela edição paleográfica de *Confesión del Amante*, traducción de Juan de Cuenca, levada a cabo por Elena Alvar, pelo que se fará apenas referência às páginas e colunas respectivas.

⁵Daqui em diante, *OED*. Em onze definições para o verbo *muse*, de origem francesa difusa (séc. XII), inclui-se John Gower e *Confessio Amantis*, em 1.: “To be absorbed in thought; to meditate continuously in silence; to ponder”; em 1. b. (“with dependent question”); e também em 4: “To gaze meditatively; to look thoughtfully or intently”; cf. Macaulay em cujo Glossário 610, encontramos igualmente as definições: “reflect” e “gaze”, o mesmo acontecendo com Bennett 184.

⁶Todas as designações em português são da nossa inteira responsabilidade.

⁷Não detectámos mais nenhuma ocorrência do adjectivo. Na *Confessio*, tal como, por exemplo, no *Leal Conselheiro* de D. Duarte (XII, XIII, XIII), o substantivo adjectivado prevalece em todas as situações, respectivamente nas formas *veine gloire* e *vã gloria*. Convém, no entanto, registar a atestação de “vanglória” a 1437 por Machado 1993 III, 2287: “gardandouos de soberba *vanglória* e de cobiça” em *Desc.*, I. P. 385 [*Descobrimientos Portugueses*].

(Bullón-Fernandez 42-45). A expressão *studie and muse* dá forma à pérfida investida levada a cabo pelo jovem rei contra Petro, pai de Peronelle:

And thus of al his wit withinne
This king began to studie and muse,
 What strange matiere he myhte use
 The knyhtes wittes to confounde... (1. 3090-3093, sublinhado nosso)

Se optarmos por um cotejo interlinear entre este excerto do poema inglês e a secção correspondente da *Confesión* (235, **b**),⁸ podemos estabelecer esquematicamente as seguintes equivalências:

<i>al his wit</i>	<i>todo su óaber</i>
<i>studie and muse</i>	<i>penóando</i>
<i>strange matiere</i>	<i>materia óotil</i>
<i>the knyhtes wittes to confound</i>	<i>cohonder el grant óaber de aqueóte cavallero</i>

À primeira vista, o ganho expressivo obtido com “subtil” não parece ser bastante para reparar a perda de tipo aspectual operada com a elisão de *muse*. Mas curiosamente se recuarmos um pouco na narrativa, vemos como o tradutor não foi indiferente à formulação mais alongada de Gower. Assim, seguindo o texto castelhano na nossa versão meramente operacional, temos: O rei, de bom entendimento e mancebo, com profunda imaginação, procurava problemas e perguntas de interpretação estranhas que propunha aos letrados e sabedores e nunca falhava.⁹ Havia apenas um cavaleiro de sua casa de quem as respostas provinham tão ligeiras como as perguntas. Então o rei, na sua inveja (*ynbidia*), pensou estudar (*penóó éóudiar*) uma subtil conclusão para confusão deste cavaleiro e isto com a intenção de ganhar para si nome (*nombradía*) e fama de grande entendimento.¹⁰

Verificamos, assim, que, em segmentos ligeiramente mais alargados do texto traduzido, é possível detectar pequenos artifícios que atestam preocupações de lealdade semântico-retórica, de que é exemplo o reforço conotativo acima sublinhado, num esforço paralelo ao que havíamos observado no texto inglês. Não nos admiramos por isso que, na subsequente descrição da clarividência de Peronelle, se dê resposta eficaz às ambiguidades do texto de partida, sobretudo no que diz respeito às alusões à Virgem e ao mistério da Anunciação, aspectos que não cabe aqui desenvolver e que são longamente tratados por Gallacher e retomados por Donavin. Finalmente, esta “crónica” cristã, onde a Humildade vence a Soberba,¹¹ dá o mote para o desfecho sucinto do Livro 1, onde cabe ainda uma simbólica referência a Lúcifer, e aponta já para a Inveja que tutela o Livro 2.¹²

⁸ O grafema *ó* é o que mais se aproxima do que é utilizado por Elena Alvar na edição paleográfica que seguimos. Para perceber a sua ocorrência, ver Prólogo de Manuel Alvar (Alvar 33-42).

⁹ Carruthers (1990) define o estatuto da “imaginação” no âmbito mais lato das questões da memória.

¹⁰ Veja-se Alvar 235, **b**. As transposições para português são da nossa inteira responsabilidade e têm um objectivo meramente operacional.

¹¹ Segundo Yeager, esta vitória é dupla porque inclui a mudança de atitude do rei, dedução polémica a que regressaremos noutra ocasião (330).

¹² Macaulay faz referência à natureza diabólica da Inveja (479).

No Livro 3, subordinado ao tema da Ira, constatamos um notável avanço qualitativo na gestão que Gower faz do recém-adquirido *muse*, verificando-se duas ocorrências no seio do enunciado confessional de Amans, que analisaremos mais adiante; e duas outras, respectivamente no âmbito das histórias de Diógenes e de Orestes, obtendo agora o lexema uma autonomia de verbo transitivo.

A meio caminho entre os subvícios de Contenda e Homicídio, ocorre a visita a Diógenes do jovem Alexandre (3. 1200-1313): trata-se de mais um jogo de enigmas, com pretensões científicas e muita ironia, num *exemplum* cuja moral sobre os malefícios da impaciência (inimiga da razão) se aplica tanto ao jovem rei, personagem confinada ao espaço intradieético desta narrativa específica, como a Amans, a quem aparentemente se destinam todas as histórias. Por contraste, a bonomia do velho filósofo antecipa, neste caso, a sabedoria que provém da vontade que é por bom siso governada:

To take their and se the hevene
 And deme of the planetes sevene,
 As he which cowthe mochel what.
 And thus fulofte there he sat
To muse in his philosophie
 Solein withoute compaignie... (3. 1215-1220, sublinhado nosso)

Não é portanto de estranhar que o tradutor, retendo ainda na memória a história de Afonso, utilize neste conjunto sintagmático o verbo “estudar” e não o verbo “pensar”. Conta-nos então como Diógenes costumava tomar ar, ver os céus e julgar os planetas, como aquele que de astronomia era sabedor, fazendo isto muitas vezes, *solamente por eŕtudiar en ŕu filŕofia* (309, b).

No mais sanguinário relato sobre o matricida Orestes (3. 1885-2195), explora-se o desgoverno da razão, numa história troiana que irá suscitar, a pedido de Amans, um pertinente discurso sobre os crimes de roubo, traição e homicídio e conseqüente aplicabilidade da pena de morte, bem como um precioso excursão sobre a “guerra justa”. No excerto em apreço, é de assinalar a utilização do plural *musen* referido aos cavaleiros que colegialmente aferem a legitimidade do crime do futuro rei. Vale a pena comparar Gower com a versão de Cuenca, versão que, apesar de algumas ligeiras omissões e amplificações, apresenta uma variação relevante na solução encontrada para *upon the reson musen*:

Thei seten alle stille and herde,
 Bot therto was noman ansuerde,
 It thoghte hem alle he seide skile,
 Ther is noman withseie it wile;
Whan thei upon the reson musen,
 Horestes alle thei excusen:
 So that with gret solempnete
 He was unto his dignete
 Received, and corened king. (3. 2163-2171, sublinhado nosso)

Todoŕ callaron, que no ovo njnguno que le reŕpondieŕe, porque a todoŕ pareçio que diŕya rraŕŕn; por lo qual dyeron a Oriŕteo por quito y ŕyn culpa,

en tal guy^õa que com grant neçefidad e ðolepnydad fue rreçebido a ^õu e^õtado e coronado por rrey commo ^õu padre. (322, **b**, sublinhado nosso)

Aliás, de modo semelhante, no livro da Preguiça (*Slowthe / Pereõa*) e a propósito de um dito bíblico (Job 5: 7) – *aveõ fueron fechaõ para bolar, aõy el omne fue fecho para trabajo*, aqui na versão traduzida (360, **b**) –, o Confessor, falando-nos do rei Salomão, discorre amplamente sobre as virtudes do trabalho, retomando uma imagem pastoral que lhe é cara, a do arado:

That on the plogh hath undertake
With labour which the hond hath take,
The other tok to studie and muse,
As he which wolde noght refuse
The labour of hise wittes alle.(4. 2384-2387, sublinhado nosso)

É apreciável o modo como a tradução enfatiza a distinção entre trabalho manual e intelectual, reintroduzindo o matiz “imaginar”:

Porque vno tomó cargo del aradro, que e^õ trauajo de mano^õ; e outro tomó cargo de e^õtudiar e ymaginar, non rrehu^õando el trauajo de ^õu entendimyento. (361, **b**, sublinhado nosso)

O Livro 6, regido pelo vício da Gula, proporciona, por sua vez, uma detalhada exposição sobre as artes mágicas, inspirada em Alberto Magno (Peck 514). É neste contexto de cariz enciclopedista que surge a história do rei egípcio Nectanabus, instrutor de Alexandre na “ciência” astronómica. O uso errado do seu vasto entendimento fará com que Nectanabus caia em desgraça e finalmente morra às mãos do promissor Alexandre. Nos versos que se seguem, encontramos Nectanabus a concretizar o seu plano de traição para com o rei Filipe da Macedónia, num estratagema que lhe permitiu fazer-se passar pelo deus Amos e dormir com a rainha. No texto ibérico, é de notar a justeza gramatical da formulação *penõar manera cómmo* para o inglês *muse hou*:

Thus tok he leve and forth goth he,
And tho began he forto muse
Hou he the queene mihte excuse
Toward the king of that is falle... (6. 2124-2127, sublinhado nosso)

E com e^õte ^õe de^õpidió della e ^õe fu para ^õu poõada, começando de *penõar manera cómmo* la rreyna de^õto que le avía acaefçido, con el rrey pudie^õe ^õer e^õcuõada. (520, **a**, sublinhado nosso)

Lembramos, finalmente, duas histórias de reis que são atravessadas, respectivamente, pelos temas da homossexualidade e do incesto, temas que se inserem no conjunto mais alargado dos desregramentos da Natureza – *Kinde*. É o que acontece na fábula ovidiana de Ligdus (4. 448-510) que ilustra Pusilanimidade (*Pusillamite / Puõilamjnjad*). O rei, sem qualquer justificação, rejeita qualquer prole do sexo feminino; por isso, a filha Iphis cresce em segredo como se fosse um rapaz e, aos dez anos, quando a amiga Iante lhe é prometida, ficamos a saber que:

These children leien, sche and sche,
 Whiche of on age bothe be
 Togedre as thei ben pleiefieres,
 Liggende abedde upon a nyht,
 Nature, which doth every wiht
Upon hire lawe forto muse,
 Constreigneth hem, so that thei use
 Thing which to hem was al unknowe... (4. 479- 492, sublinhado nosso)

Cupido salva a situação, transformando Iphis num homem, pelo que: *thei ladde a merrie lif, / Which was to kinde non offence* (4. 504-05).

Numa versão bastante económica, o texto ibérico é igualmente condescendente em relação às duas jovens, enfatizando o poder da Natureza:

Et *aõy leõ* aconteció que un día, jugando *ambaõ* en la cama, *naturaleõa* la qual *todaõ* las *cosaõ* en *õu ley faõe* vsar, *leõ fiõo* prouar *anteõ* de aver conocymiento. (340, **b**)

A crónica de Apolónio de Tiro (8. 270-2008) é a história mais longa e porventura a mais conhecida da *Confessio*, tanto na cultura de produção da obra, por constituir fonte do *Péricles* de Shakespeare, como no âmbito da sua recepção ibérica (Deyermond; Martins). Insere-se no Livro 8, logo após uma generosa abertura que enquadra a questão do incesto no tema da Criação, da Queda e das Idades, em singular relação de causa e efeito com as necessidades demográficas.

O passo que seleccionámos surge na sequência dos rumores sobre o infortúnio da filha de Antíoco, um fado ao qual a tradução acrescenta sentimento:

Ay de mj, *triõte!*? Por qué *eõte* mundo *naçida fuy?* Pueõ aquele que me engendrõ me á *deõpojado* de mj onrra. (624, **a**)

De facto, o rei Antíoco era casado com uma nobre rainha, mas com a súbita morte desta, o desejo pela filha foi mais forte do que a razão; e a donzela haveria de sucumbir à sua vontade. Depois, para desencorajar os muitos pretendentes que esta tinha, inventou um enigma perverso, acabando decapitados os que falhavam a sua decifração.

Não deixa de ser interessante que o opositor de Antíoco, Apolónio, nos seja igualmente apresentado num contexto de grande erotismo, aspecto que é reforçado pelo sugestivo *lai musende*, distinto do posterior *he thoghte*. Repare-se como, neste caso, a tradução arrefece as emoções, num claro favorecimento da sabedoria do príncipe:

Til it befell upon a day
 Appolinus the Prince of Tyr,
 Which hath to love a gret desir,
 As he which in his hihe mod
 Was likende of his hote blod,
 A yong, a freissh, a lusti knyht,
As he lai musende on a nyht

*Of the tidinges whiche he herde,
He thoghte assaie hou that it ferde. (8. 374-382, sublinhado nosso)*

Aõy acaefçió que el noble rrey Apolonyo, õennor de Tyro, commo cauallero nueuo, enamorado e talentoõo, muy eõforçado, penõando en laõ nueuaõ que oyerá deõjr del fecho del rrey de Antiocha, propuõo en õu coraçõn, de õe poner a auentura por prouar la õotilesa de aquella quiõtión, õy la adeujnaría. (625, a, sublinhado nosso)

2. Sete confissões do amante

A primeira utilização de *muse*, no âmbito do enunciado identitário e intimista de Amans (Scala 135-66), ocorre num diálogo que visa a apresentação do conceito de Melancolia, súbdito número um do vício da Ira. O amante responde estonteado à inesperada inquirição do Confessor: “Hast thou be Malencolien?”. Então, a propósito de uma anónima figura feminina (*sche*), Amans dá-nos conta do que sabe de si mesmo: dos medos, dos anseios, e especialmente da cólera – *And I am wrothe, I not how ofte / And al it is Malencolie* (3. 125-126) – que redundava na ulterior impossibilidade de alegria perante a insistente indiferença da amada:

*For finaly, whan that I muse
And thenke how sche me wol refuse,
I am with anger so bestad,
For al this world mihte I be glad. (3. 75 – 78, sublinhado nosso)*

Obrigados a verter para as línguas vulgares ibéricas este estado de espírito complexo, os tradutores apoiaram-se primeiro na raiz etimológica da compleição melancólica (a bÍlis negra) e mostraram depois o entendimento que eles próprios haviam tido da ligeira mutação de sentido operada no texto inglês, de onde é já possível inferir uma subtil associação à tristeza. Para tanto, foi necessário um notável recurso metonímico (*apretado*) que fez antecipar no texto o termo *malenconyá*:¹³

Porque finalmente, quando pienõo en cõmmo ella me quiere re [re]fuõar, eõtó aõy apretado com malenconyá, que por todo el mundo non puedo õer alegre. (292, a, sublinhado nosso)

Num segundo passo do Livro 3, o lexema *muse* surge no contexto alegórico de *Danger* (*No Querer*), numa secção do texto em que o tom paródico se acentua. Amans debate-se com o paradoxo intelectual de “amor que mata amor”:

*Thus hate I dedly thilke vice,
And wolde he stode in non office
In place wher mi ladi is;
For if he do, I wot wel this,
That owther schal he deie or I*

¹³ Veja-se Machado 1977, IV, 93-4 sobre “melancolia” e “melancólico”, história e variantes de fixação do termo. Cf. utilização eduardina de “humor menencorico” no *Leal Conselheiro* (XIX).

Withinne a while; and noght forthi
On my ladi fulofte I muse,
 How that sche mai hirsself excuse,
 If that I deie in such a plit. (3. 1579-1587, sublinhado nosso)

Vale a pena seguirmos de perto a versão, onde é igualmente incisiva a indicição da dama. Amans coloca a questão mais ou menos nestes termos: E, por esta guisa, tenho ódio mortal a este traidor e queria que não tivesse officio em nenhum lugar onde ela estivesse, porque, por certo, antes de muito tempo, haveria de morrer um de nós e muitas vezes:

[P]ienbo de my bennora, by a punto de morir la yo toviebe, qué ebucaçión
 podría ella tener para ebuçar que lo yo non matabe. (314, b, sublinhado
 nosso)

Gower joga frequentemente com uma espécie de apropriação discursiva interna que resulta bastante irónica, de tal modo que, no Livro da Preguiça, vemos Amans imitar o seu confessor e, exactamente sob a epígrafe do Esquecimento (*Foryetelness / Ebucaçimento*), explicar longamente sobre a memória:

So that for feere I can noght gete
 Mi witt, bot I miself foryete,
 That I wot nevere what I am,
 Ne whider I schal, ne whenne I cam,
 Bot muse as he that were amased. (4. 575-579, sublinhado nosso)

Sem fazer total justiça ao apuro do símile que sublinhámos, conseguimos, apesar tudo, rever no texto da tradução um mesmo “eu” sem norte, uma mesma progressiva *deslembração* de si mesmo, indícios para que concorre a fiel declaração negativa “não sei”, bem como a utilização da forma perifrástica “ando pensando”:

Tal bo pudiendo cobrar mj entendimiento com grant mjedo, maõ olvido a my
 meõmo en tanto que non be quién me foy, njn dónde é de yr, njn dónde vine.
 E ando penbando do commo omne turbado de bu beso. (342, a, sublinhado
 nosso)

Mas é no contexto de Ociosidade (*Ydelnesse / Oçio*), o quinto ramo da Preguiça, que Gower, usando as armas da cortesia, gere com maior eficácia o elemento cómico, apoiado na retórica do erotismo colhida das fábulas. Amans chega mesmo a citar Ovídio. Estamos agora paradoxalmente perante um “eu” incansável na evocação de situações, de gestos e de juras de amor: *I serve, I bowe, I loke, I loue* (4. 1169). E quando a amada por acaso se senta, ele põe-se de joelhos; e se ela toma nas mãos algum bordado ele atinge o auge da sua *ymaginacioun*.

Registe-se, neste passo, a economia expressiva da tradução (por exemplo, no uso de “lavor” e “fabular”), verificando-se igualmente uma maior liberdade em relação ao texto de partida (por exemplo, na antecipação de *contenência*, sem que haja alteração de sentido), num enunciado que gira em torno de “não saber”:

Bot whan sche takth hir werk on honde
 Of wevinge or enbrouderie,
Than can I noght bot muse and prie
 Upon hir fingres longe and smale,
 And now I thenke, and now I tale,
 And now I singe, and now I sike,
 And thus mi contenance I pike. (4. 1174-1180, sublinhado nosso)

õy toma en *õuõ* manoõ alguna lauor, estonçeõ *non õé* outra conteneõcia
 fazer, *õ*aluo mjar sobre los *õuõ* dedoõ, que *õ*on luengoõ e delgadoõ; e
 algunaõ veõeõ pienõo e otraõ veõeõ fablo e *õ*ospiro. (350, **a**, sublinhado
 nosso)

Também no Livro 5 da *Confessio* conferimos duas ocorrências: primeiro, a expressão *look and muse* no seio da tese sobre a Avareza; em segundo lugar, o adjectivo *camused* integrado no célebre devaneio do Génio sobre as mulheres, cuja versão ibérica Manuel Alvar inclui no seu “testimonio de fidelidad” (Alvar 49-57). Porque decidimos centrarmo-nos no amante, desenvolveremos este aspecto noutra ocasião.¹⁴

Não é sem surpresa que verificamos como na apresentação do vício da Embriaguez (*Dronkeship / bebdeõ*) o manifesto confessional de Amans evolui para uma forma substantivada de *muse*:

Wher I hire se or se hire noght,
With musinge of min oghne thoght,
 Of love, which min herte assaileth,
 So drunke I am, that mi wit faileth
 And al mi brain is overtorned,
 And mi manere so mistorned,
That I foryete al that I can
 And stonde lich a mased man; (6. 126-132, sublinhado nosso)

Embora, à primeira vista, Gower vise a confirmação da ideia de lembrança, acaba, na prática, por reintroduzir o tema do esquecimento – um artifício que a tradução inicialmente simplifica (*porque penõando en el Amor*), mas consegue, logo depois, acompanhar. Mais interessante é, por sua vez, a ênfase colocada em “saber”, apontando-se subtilmente para uma espécie de interrupção da aprendizagem:

[Q]ue el entendimjento me falleçe y el çeebro *õ*e me rrebueluee toda la mj
 conteneõcia *eõ* turbada, *en tal manera que olujdo quanto õ*abia e *eõ*to commo
 el onbre que *eõ* fuera de *õy*. (493, **a**, sublinhado nosso)

¹⁴ No enciclopédico Livro de Alexandre, o amante parece ter adormecido. O Génio reclama para si o estatuto de Aristóteles, mas quase se esquece do seu discípulo. Depois de mais de quatro mil versos de grande sabedoria, utiliza *muse* numa formulação “em defesa das mulheres” (7. 4269-4270).

O mesmo acontece, logo a seguir, no quase redundante *Whanne I on suche thoghtes muse*. Veja-se como, também aqui, os tradutores ibéricos, porque compreenderam a importância da tonalidade intimista, escolheram a formulação “imaginar em tais pensamentos”. Assim, tanto no texto inglês como na tradução, o esforço de memória inicialmente sugerido conduz mais uma vez à alienação do sujeito enunciador:

For thus it is and evere was,
Whanne I on suche thoghtes muse,
 The lust and merthe that men use,
 Whan I se noght mi ladi byme,
Al is foryete for the time
So ferforth that mi wittes changen
 And alle lustes fro me strangen,
That thei seie alle trewely,
And swere, that it am noght I. (6. 152-160, sublinhado nosso)

Porque, *quando yo en loō taleō penōamjentoō ymagino* e *mj ōennora* allí no *eōtā*, la voluntad e placer que todoō loō onbres vōan, todo eō olujdado e perdido, e todoō *mjō penōamjentos ōe* mudan e *mjō talantoōōō deōeoō ōe* arriedran de *mj*, *jurando todoō a vna que non ōoy quien ōolja*. (493, a, sublinhado nosso)

Na Conclusão do Livro 8, após advertência aos leitores por parte de Macaulay de que se trata de um “Farewell to Earthly Love”,¹⁵ assistimos à penosa confissão de Amans subitamente tornado “John Gower” – derradeira metamorfose que comportará a unicidade de um saber(-se) que antes aparecera disperso e fragmentado (Peck ed. [Gower], “Introduction”).

E é finalmente neste contexto que verificamos a mais notável ocorrência de *muse*, aparentemente correspondendo a *Muse*, a forma homónima, apropriada do latim *musa* (< gr. *moûsa*). Veja-se então como funciona esta Musa de “bom avisoamento”, respectivamente na primeira recensão do texto de Gower (MS Bodley 902, 1390) – aquela a que os tradutores tiveram acesso – e no texto que temos vindo a seguir:¹⁶

But now that I am feble and oold,
And to the worschipe of mi king
 In love above alle other thing
 That I this book have mad and write,
Mi Muse dooth me for to wite
 That it is to me for the beste
 Fro this day forth to taake reste,
 That I no moore of love maake. (8. 3069-3077, sublinhado nosso)

¹⁵ É interessante verificar como as notas à margem introduzidas por Macaulay se afiguram como estruturas exegéticas do texto, condicionando toda uma tradição crítica, paralelamente ao que Copeland (202-20), diz acontecer com as epígrafes e os epigramas em latim da responsabilidade de Gower, em relação ao texto inglês.

¹⁶ Macaulay II, 476. Na primeira recensão, Gower dedica o poema a Ricardo II e reitera esse facto nesta secção do texto.

But now uppon my laste tide
 That y this book have maad and write,
My muse doth me for to wite,
 And seith it schal be for my beste
 Fro this day forth to take reste,
 That y no more of love make.(8. 3138-3143, sublinhado nosso)

Verifique-se depois o “desvio” verdadeiramente surpreendente dos tradutores que optam aparentemente por um clímax de **sabedoria** em detrimento da Musa *avant la lettre* do recém-identificado poeta:¹⁷

Et agora, pue**o** que a**o**y e**o** que yo **o**oy viejo e flaco, et tengo conpue**o**to este livro a onrra de mj **o**ennor e**o**peçialmente en Amor, *et my o**o**abiduria me con**o**eja por mj bien*, de aquí adelante fuelgue e çe**o**e de e**o**creujr en fechos de Amor. (672, a, sublinhado nosso)

Este facto merece alguma reflexão: quer pela opção em si mesma – ao nível do texto na(s) língua(s) de chegada –¹⁸ quer pelo modo como essa opção é susceptível de interpelar as leituras canónicas do texto de partida.

Convém, desde logo, referir a coerência interna da opção tomada pelos tradutores, considerando os seguinte aspectos: em primeiro lugar, o esforço de fidelidade no que diz respeito às expressões contendo *muse* (com as variantes *pensar*, *pensar estudar*, *estudar*, *dizer da razão e estudar e imaginar*), assistindo-se a uma padronização progressiva; em segundo lugar, o extremo cuidado manifestado na descrição dos contextos que contêm essas ocorrências, desenvolvendo-se todo um campo lexical em torno dos saberes (variando entre *entendimento*, *siso*, *razão*, *conhecimento*, etc.); e, por fim, ao sugerir-se a inversão de uma matriz de aprendizagem, a evolução para formulações em que o verbo *saber* se associa à perda da memória e da identidade: não saber o que se faz, o que se escolhe, para onde se vai ou, finalmente, o que se é.

Neste sentido, o enaltecimento da sabedoria em substituição da Musa inspiradora¹⁹ põe em evidência a síntese entre a sabedoria dos reis e a sabedoria do amante, contribuindo para a moralização do desfecho que torna *sabedor* o próprio poeta (traduzido), John Gower. Em segundo lugar, acresce que na primeira recensão, além da omissão de “dizer”, o verso que inclui *muse* (8. 3074) surge na sequência directa do verso que põe em destaque o patrocínio real, “the worschipe of mi king” (8. 3070), aspecto a que os “tradutores reais” de então não eram, por certo, indiferentes (Oliveira).

Poderíamos finalmente especular sobre o desconhecimento que Payn e Cuenca teriam das Musas, curiosamente as nove filhas da Memória;²⁰ mas, na realidade, o que ressalta como mais interessante, em consequência da discrepância assinalada, é o facto de que as versões, enquanto rescritas por excelência, lançam uma suspeita legítima sobre as leituras canónicas do original: a

¹⁷ Verifique-se no *OED* 779 a entrada “Muse” no sentido mitológico: refere-se Chaucer, 1384 *H. Fame*, em 1.; e Chaucer e Gower, respectivamente, 1374, *Troilus*, e 1390, *Conf.*, em 2., enquanto personificação (exactamente o exemplo em questão).

¹⁸ Assume-se que o manuscrito português não difere do castelhano em questão de tal pertinência.

¹⁹ Burrow (1971, 1982), seguindo Macaulay, confirma a referência a uma Musa inspiradora.

²⁰ O que, a ser verdade, mitigaria a estranheza da atestação tão tardia do termo “Musa” em português – a Camões, *Os Lusíadas*, segundo Machado 1977.

consequente plausibilidade desta interpretação é, porém, um repto que, por agora, fica sem resposta.²¹

É que, partindo nós do *locus* expectante da cultura de recepção do (des)aparecido “Livro do Amante”, interessou-nos sobretudo observar os tradutores ibéricos de quatrocentos na mesma encruzilhada do tradutor pessoano – não como meros veículos de metáforas subsidiárias; antes, assumindo-se como construtores de metáforas alternativas, num *fingimento* indagador do acervo linguístico e imagético disponível na língua e na cultura de chegada, naquele tempo e neste lugar.

²¹ Vale a pena, no entanto, lembrar que Gower recorreu tanto à substantivação de *muse* (por exemplo, “With musinge of min oghne thoght”) como à utilização do lexema em conjuntos quase redundantes, como seria aqui o caso: “Mi Muse dooth me for to wite”. Confira-se ainda *muse* como substantivo, *OED* 780, onde se dá conta da contaminação de influências.

Ora depois de solida. e porge
 uias. da de equal yngre trint
 euy. mout de fora. moutos magos
 de pios q' oucos. por q' quando
 & alguim mais uigudo ou nullo
 q' to q' el. Logo aze no seu pensa
 mento ataa q' murtas uerres q'
 p'cedi. por ello q'nda ynfirmda
 d'. Este uiao he rhmudo. En
 ueia aduiti. porcm filho dome
 logo p' tu fap. oure. Daquelle
 q'ia lages q' p'cedi namon fasti
 dotiti. no teu coracom. dignida
 doutrm. Amante. Vady mui
 app de adant. onm de pio. tu
 deho q' q' p'. Este uyl uestra uia
 por q' quando tu by murtas ad
 p'cedi em amor. delgua lra car.
 q' nupa et'na. q' todolla auos
 uida. uiaa for tam q' rudo to mo
 tu po dille. por equal yngre
 openyati. de mui coracom. lra
 de aze dent. q' uiaa for uia
 q' p'cedi no alme uiguda singra
 p' atonmentado co uento em m
 apou p'na pollo tempo q' tu. E
 esto q'ndo uero alguim pol'p'o
 uizme naquelle fortuna do do
 de auos. q' uiaa p'cedi em uos di
 to em q' p'cedi q' esto no he p'
 no em hui lra. Ca quem

VIUO SEPTIMO

gra em p'd. ou guancia. em o'ito
 dignate. uoite auem de lo agn
 ita merto uelhu. mais esto q'
 di etament que q' muplh p'no
 ay tu suo aylda q' tu cyda p' li
 go de m'p'p. omu coracom q'
 tauu thro de doutra. q' uoy p'p'o
 ca f'ga. m' uer'fuo. ca aude.
 nos p'cedi de apido uero p'p'o
 apu d'ella os loucadas talen
 topos. d' m' apofadas. Ca uia
 quellre no p'cedi m'allo. q' tu
 q' uo saluo p'cedi fallar em
 q' aude de p'cedi. omu uos
 p'cedi. no he por. lra. Equi
 fallam naorella isto omu.
 temou p' uer'fua m'p'o m'ad
 Especialment. q' uo de sua
 fallas p'cedi m'p'o p'longada
 Ca m'p'o os m'uo p'cedi
 ta forte por q' os app. uero.
 p'cedi. q' uoy uos p'cedi. qua
 me de lo p'cedi. d' m' q' uo
 de p'cedi de m'p'p'o & aylda q'
 ella tenha na m'odo de uer'fua
 nome p'cedi m'ad por uer'fua
 na f'ra q' tu d' lra uia. Ca
 tament. tu d' m' ayda q' uo
 do omu no he m'allo. q' uo
 aylda p'cedi de q' da d' p'cedi
 q' m'p'p'o q' uo de sua d' p'cedi

Fol. 39v do ms. da Confissão do Amante, II-3088 Biblioteca de Palacio, Madrid

dos tempos q' ella r' guasuar
ayuda passy l'om q'encia ad' p'ati
po l'om me q'isso q' quando tunc
lo ou posso salti m' algum tempo
q' ella mosty l'om p'ubranu' ady
itua pegoa ayuda q'm co' ellono
tenha q' faz. Logo omem p'riipa
mento p' q' q' p'riipa. a' posto q'
tu nella p'ia sp'ualho m'cia faz
muda omem coracom m' q' q'
po anouab' d'quem tu u'co' com
lla sedo' m'is d' robally ouyru'
q' amia. qual p' co'isa que l'lo
aura q' p'riipa m' se l'ip'iu' tu
d'lo f'lo m'is p'riipa q'm. Ora
pad' tu uos hy d'ro' tornudo acfi
ponto em sp'ia' quato dello sp'
epo' d' mandu' d' me a' l'om d'
fo q' pou' d' m' m' d'ro'. Confe' p'oz.
filho m' q' tu d' mandu' m'is
tu m' d'ro' d'ro' q'm h'ui' m' p'oz.
d' m' m' d'ro' p' equal aidas couho
timento d' m' m' d'ro' d' m' d'ro'.
mo tu ora ouyru'. Ora tu acfo
em sp'io q' cono' q' q' anatiyulle
m' d' m' m' d'ro' d'ro' p' l'om po
no' p' p'riipa q' ouyru' d' m' no' p'
d' m' p' d'ro'. O l'om app' que
q' p'riipa m' d'ro' aqua' d' m' d'ro'
m' m' d'ro' l'om q' q' d'ro' alq'
m' d'ro' d'ro' d'ro' m' d'ro' m' d'ro'
pad' acfo' a' p' m' d'ro'. faz q'
to pod' pou' d' m' d'ro' d'ro' d'ro'

lo amando. d' q' tu acfo' sp'ia' h'ua
foza quem nest' p'riipa.

O m' d'ro' d'ro' m' d'ro'. m' p'riipa
l'om d'ro' d'ro' ap' d'ro' p'riipa
m' amando q' d'ro'. q' m' d'ro' po
da' ad' po' q' d'ro' m' d'ro' u' l'la
ua' p' d'ro' cono' acfo' m' d'ro'
m' d'ro' q' d'ro' p'riipa d'ro' m' d'ro' q'
m' d'ro' h'ua' l'om d'ro' m' d'ro'
q' elle. ond' elle m' d'ro' m' d'ro'
d'ro' q' d'ro' p'riipa d'ro' p'riipa
p'riipa m' sua u' d'ro' d'ro' m'
d'ro' d'ro'. po' m' d'ro' d'ro' d'ro'.
p'riipa p'riipa m' d'ro' ad'. Estu' q'
d'ro' d'ro' d'ro' p'riipa ouyru' que
fo' p'riipa ou' p'riipa p'riipa m' d'ro'
p'riipa. m' d'ro' p'riipa m' d'ro' d'ro'
h'ua' d'ro' ouyru' d'ro' m' d'ro' qual
a' d'ro' p'riipa. m' d'ro' m' d'ro' p'
fo' p'riipa coracom m' d'ro' q' d'ro'
m' p'riipa timento d'ro' d'ro' h'ua'
m' d'ro' p'riipa d'ro' d'ro' p'riipa m'
d'ro'. Estu' m' d'ro' p'riipa d'ro'
d'ro' d'ro' equal amia' ella' ou'
p'riipa p'riipa. m' d'ro' p'riipa p'
m' d'ro' p'riipa. m' d'ro' m' d'ro' p'
d'ro' d'ro' d'ro' m' d'ro' p'riipa o'
d'ro' p'riipa p'riipa. m' d'ro' d'ro'
m' d'ro' m' d'ro' m' sua d'ro'

Fol. 40r do ms. da Confissão do Amante, II-3088 Biblioteca de Palacio, Madrid

gos arrou e hui lugar de p. g. d. p. o
 hui mbr. f. r. o. comar. d. d. o. u. l. e. y. o.
 an. y. p. p. f. u. a. p. a. l. l. a. u. r. a. a. p. o. u. p.
 z. r. i. o. e. l. l. e. f. o. r. e. c. i. m. a. d. e. l. l. e. u. e. n. d. o.
 o. g. r. a. n. d. a. a. m. o. r. q. u. e. a. d. i. h. u. i. m. o. f. t.
 u. a. d. o. o. u. t. y. o. p. o. p. p. p. p. r. u. b. r. a. n. t. e.
 p. a. z. e. r. a. d. i. q. o. p. p. u. c. o. r. a. c. o. m. p. e. l. l. y.
 t. u. a. n. d. i. a. p. o. p. u. e. r. a. t. u. c. i. a. l. e. m. c. o.
 n. i. o. h. u. i. u. e. z. a. t. o. m. q. u. e. p. u. e. p. p. i. a. n. t. i.
 f. o. r. a. d. e. h. u. i. f. i. n. i. d. p. p. f. a. g. i. o. e. l. l. e. p. o. r.
 h. u. i. t. e. m. p. o. q. u. a. n. d. o. o. p. p. u. b. r. e. c. o. m. o.
 r. e. l. l. e. q. u. e. p. o. r. a. n. i. o. d. e. l. l. e. r. a. p. u. e. i. o.
 p. a. n. d. i. e. r. E. c. e. s. t. e. p. o. l. l. i. f. o. m. u. s. e. r. a. h. u.
 i. g. a. n. t. e. d. e. m. u. i. p. p. r. a. m. f. o. r. a. d. e. q. u. e.
 d. o. b. i. o. o. c. a. p. o. q. u. e. t. r. a. a. g. r. i. c. i. d. o. q. u. e. g. u. a.
 l. l. a. t. t. h. e. u. i. d. e. r. e. z. o. u. d. e. l. l. e. q. u. e. t. y. n. t. i.
 a. r. e. p. p. o. u. m. m. o. r. a. d. o. c. o. m. e. c. o. n. d. e.
 b. r. a. m. u. c. o. m. o. f. a. i. o. b. i. u. p. o. o. u. b. u.
 t. a. d. e. s. t. a. f. e. r. a. p. a. m. d. u. p. o. q. u. o. m. p. o.
 d. e. a. p. p. a. g. u. e. d. e. p. p. c. o. p. p. o. e. l. l. e. o. r. a.
 e. t. h. i. c. i. a. o. m. p. e. r. i. l. l. o. a. p. p. i. d. o. o. n. d. e.
 f. o. r. o. a. p. u. i. d. a. n. d. i. e. r. f. a. a. p. a. g. a. d. e.
 h. u. i. d. o. e. l. l. e. d. e. n. i. e. h. e. c. o. r. a. d. e. p. e.
 f. a. p. o. r. q. u. e. a. r. e. e. r. a. t. a. h. u. i. d. e. l. l. i.
 t. a. t. a. q. u. e. c. o. m. p. p. r. u. d. e. m. e. c. i. a. p. u. e. l. l. e.
 p. o. u. d. e. t. o. m. e. r. o. u. t. y. a. u. e. s. p. a. r. a. p. p.
 b. a. o. n. d. e. o. b. a. r. a. z. e. p. o. m. e. t. u. c. o. m.
 d. o. o. a. g. r. i. u. a. r. a. p. u. i. d. a. p. p. d. e. l. l. e.
 n. o. u. e. p. p. p. u. e. i. t. o. E. c. o. m. o. q. u. e. g. a. t. i.
 q. u. e. t. r. a. d. e. g. r. a. m. f. a. i. p. u. e. r. o. u. p. a. t. i.
 f. a. q. u. e. l. l. a. p. p. l. a. p. o. l. l. i. a. r. e. u. d. e. l. l. e. c. o. m.
 e. l. l. e. m. o. r. t. o. d. e. t. y. p. p. p. o. c. i. u. a. n. i. o.

e gallathra comestivo e f. g. t.
 m. d. o. e. h. u. i. d. o. e. l. l. a. p. e. l. l. o. m. i. l. i. h. o.
 t. y. n. t. i. a. t. o. m. o. u. n. a. s. m. u. a. d. o. s. e. a. g. r.
 e. d. o. u. m. y. l. u. g. a. r. t. a. p. e. g. u. e. q. u. e. p. o.
 l. l. e. f. i. n. o. c. o. m. t. o. d. a. f. u. a. f. a. l. p. a. e.
 u. e. i. a. n. o. m. p. o. d. e. e. h. e. g. a. r. h. u. e. l. l. a. f. a.
 u. a. E. s. t. a. g. a. l. l. a. t. t. h. e. u. i. d. e. q. u. e. t. u. f. a.
 l. l. o. p. o. r. e. p. n. o. p. o. d. e. b. o. n. i. t. a. d. e.
 p. p. i. m. e. f. u. o. S. e. m. p. r. u. b. r. a. n. t. e. f. u.
 g. i. d. o. f. i. z. p. u. p. l. a. n. t. o. p. o. a. m. o. r. d.
 a. r. e. p. p. m. e. t. a. l. g. r. a. q. u. e. p. o. u. a. z. o. d. o.
 p. e. p. a. r. e. d. e. d. o. n. o. u. q. u. e. r. o. m. a. n. a. p.
 e. l. l. e. o. s. d. i. u. p. s. f. o. r. o. m. a. p. p. m. o.
 u. e. d. o. s. c. o. p. i. e. d. i. a. q. u. e. p. o. g. t. a. n. y. o. u. l.
 u. e. o. r. a. p. p. r. o. m. o. a. r. e. b. p. o. h. u. i. p. r. u.
 f. i. s. t. o. p. d. e. p. a. u. e. l. c. a. z. a. p. a. p. p. p. a.
 a. n. i. o. n. q. u. e. a. p. p. n. a. g. l. l. e. l. o. g. a. r. m. e.
 d. r. e. e. l. l. e. t. h. a. p. p. d. e. m. a. y. o. o. c. o. p. o. d. e.
 l. l. e. m. y. l. i. n. a. f. o. n. t. e. p. i. r. e. n. a. l. c. o. m.
 p. p. o. s. e. l. a. r. e. o. s. f. i. z. p. r. o. s. E. p. e. s. t. a. g.
 p. o. p. o. l. l. i. f. i. n. o. p. o. r. m. e. r. a. e. n. i. a. l.
 r. e. n. e. a. o. u. e. c. o. a. r. e. s. p. u. a. g. u. e. r. a.
 m. e. u. r. o. D. e. a. f. i. l. l. i. o. h. u. e. u. t. u. p. p. p.
 e. s. t. o. p. a. d. r. e. m. i. d. e. q. u. e. p. p. i. f. e. t. o. p. a.
 b. e. m. c. o. a. m. o. r. a. t. i. a. p. p. m. u. y. t. o. d. e. l. l. e.
 p. a. r. a. c. i. u. e. m. C. a. p. p. c. o. m. o. m. e. m. i.
 t. u. a. p. a. t. r. e. q. u. e. p. p. p. p. o. l. l. i. o. q. u. e. a. n. i. e.
 a. p. p. d. u. t. o. p. o. p. p. u. q. u. a. l. q. u. e. c. o. m. p. p.
 p. t. e. a. u. y. e. r. e. C. a. a. g. l. l. e. b. r. u. g. a. m. i.
 n. o. m. e. m. d. e. h. o. o. p. p. o. m. d. o. p. p. o. o. m. i.
 a. n. o. r. a. p. p. m. e. f. u. e. s. t. o. p. o. r. u. i. t. e. m.

Fol. 40v do ms. da Confissão do Amante, II-3088 Biblioteca de Palacio, Madrid

fa impresa do Amante: - O d'ameu
 este corup' de meu de l'uore q' q'
 q' aquitudo do amoe de poli f'ulo
 no fa' app' de my. E' spicialment'
 de d'ha' po' f'ito d'ha'oi. t'ancianh'
 mal da d' pol. n'cia. Por em p' h'
 de out' toupa alqua' que' am'
 p'ra' uos p'g'nd' me' o' tu' q'
 p'ap' auouga' p'anti d'ha' todad'
 da d'. A' q' falla' os f' p' de p'g'nd'
 p'ra' mo' de n'cia q' h' e' h' m'ado.
 p'ra' domal d'outr'm.
Peu' de fillo amda h' ha' h'
 u' ou'po' meo' q't'ano. out'
 q' quando' de u'io' p' toma' p'ra'z'.
 de p'ep'ar' que' abou'p'm' u'ra' Ca'
 todo' p'ra' l'ra' h' u'ra' alqui' f'ra'
 e' cu' d'ado' p'elli' q'eda' q'ra' leu'ou'
 p'oi. q' all'ida' de n'cia' m'uda'
 nal' p'ra'z' q' alca' app' n'cessuo'
 de ella. E' h' app' nos' capos' q'
 m'ra' am'ou'. u'ustad' u'ista' e' f'to'
 aquitudo. Ora' d'ime' fillo' p' meo'
 m'ra' u' p'ra'. quado' u'ra' out'm'
 m'ou'ado' e' q' f' p'ra' l'ra'. d' m'ra' u'ra'.
 p'ra' de meo' eu' e' f'to' q' f' p'ra' auos'
 e' f'to' q' f' p'ra' d'ha' app' h' da'
 p'ra' m'ou'ado' q' f' p'ra' m'ent'
 m'ra' eu' e' f'to' da' h'oi. p' f'ra'z'm'
 p'ra' p'ra' u'ra' de' ano' m' m'io' p'o'
 h'ra' p' m'ra' f'm' d'ha' q' f' p'ra' u'ra'
 quando' eu' ouco' d'ha' q' e' f'ra'z' m'ra'.

pol'm' na' p'ra' m' f'ra'z' de' f'ra' e'
 m'ra' h'oi. E' p'ra' p'ra' lauca' de' afu'
 de' con' de' d'ha'. m'ra' m' p'ra' abas'
 t'ado' de' q' e' l'ra' f'ra' m'ra'. p'ra' m' p'o'
 q'os' uelo' m'bra' f'ra'. e' d'ha' ou'p'o'
 p'ra' de' de' q' e' l'ra' q' f'ra' m'ra' a'z'ho'
 p'ra' m'ra' q'ra' m' p'ra' q'os' uelo'
 p'ra' m'ra' u'ra'. d'ha' e' f'ra' m'ra' o'ra'
 h'ro' m'ra' d'ha' p'ra' p'ra' m'ra' p'o' m'ra'
 h'ra' e' ca' d'ou'p'm' n'cia' f'ra' q'ra'
 q'ra' m'ra' p'ra' e' l'ra' m'ra' au'ou'. q'ra'
 f'ra' m'ra' m'ra' d'ha' o'ra' p'ra' m'ra' e'
 o'ra' p'ra' f'ra' d'ha' q' f' p'ra' m'ra' d'ha'
 h'ra' m'ra' h'ra' e' quato' m'ra' p'ra'
 d'ha' p'ra' p'ra' p'ra' p'ra' m'ra' q'
 eu' m'ra' m'ra' q'ra' d'ha' u'ra' u'ra'
 p'ra' ou'ou' p'ra' m' m'ra' m'ra' l'ra'
 a'ad' d'ha'. Ca' p'ra' d'ha' p'ra'
 e' f'ra' au'ent'ura' m'ra' m'ra'. q'ra' q'
 u'ra' d'ha' h'ra' q'ra' p'ra'. quado' m'ra' ou'ra'
 m'ra' p'ra' m'ra' u'ra' p'ra'. p'ra' q' m'
 h'ra' f'ra' m'ra' m'ra' p'ra' m'ra'. E' h'
 app' h'ra' d'ha' no' p'ra' m'ra' m'ra'
 u'ra' m'ra' d'ha' q'ra'. p'ra' u'ra' ou'ra'
 h'ra' m'ra' m'ra' m'ra' p'o' m'ra' l'ra' q'ra'
 ou'ou' f'ra' m'ra' d'ha' p'ra' p'ra' p'ra'
 q' m'ra' no' d'ha' d'ha' p'ra'. o'ra'
 p'ra' h'ra' m'ra' l'ra'. E' p'ra' m'ra' m'
 d'ha' q' f'ra' m'ra' d'ha' p'ra' m'ra'
 e' p'ra' p'ra' q'ra' d'ha' m'ra' p'ra'. q'ra' m'
 m'ra' m'ra' m'ra' m'ra' p'o' m'ra' m'ra' l'
 de' m'ra' m'ra' m'ra' f'ra' p'ra' m'ra' p'ra'

Fol. 41r do ms. da Confissão do Amante, II-3088 Biblioteca de Palacio, Madrid

Obras citadas

- Bennett, J. A. W. *Selections from John Gower*. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- Bivar, Artur. *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*. Porto: Edições Ouro, 1952.
- Bluteau, D. Raphael de. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 e 1713.
- Bullón-Fernandez, Maria. *Fathers and Daughters in Gower's Confessio Amantis*. Cambridge: D. S. Brewer, 2000.
- Burrow, John. Ricardian. *Poetry: Chaucer, Gower, Langland and the Gawain Poet*. London: Routledge and Kegan Paul, 1971.
- . *Medieval Writers and their Work. Middle English Literature and its Background 1100-1500*. London: Oxford University Press, 1982.
- Corominas, Joan e Pascual José A. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana e hispánica*. Vol. I e II. Madrid: Gredos, 1981.
- Cândido de Figueiredo. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Bertrand Editora, 1973.
- Carruthers, Mary. *The Book of Memory: A Study of Memory in Medieval Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- Copeland, Rita. *Rhetoric, Hermeneutics, and Translation in the Middle Ages: Academic Traditions and Vernacular Texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- Cortijo Ocaña, Antonio. "La *Confessio Amantis* Portuguesa en el Debate del Origen del Sentimentalismo Ibérico: Un Posible Contexto de Recepción". Eds. Margarita e Silvia Iriso. *Actas del VIII Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. Santander: Consejería de Cultura del Gobierno de Cantabria, 1999. 583-601.
- D. Duarte. Ed. Joseph M. Piel. *Leal Conselheiro*. Lisboa: Bertrand, 1942.
- Deyermond, A. D. ed. "Apollonius of Tyre: Two 15th Century Spanish Prose Romances, *Historia de Apollonio* and *Confisyon del Amante*, Apolonyo de Tyro". *Exeter Hispanic Texts*, 6. Exeter: Exeter University Press, 1973.
- Donavin, Georgiana. *Incest Narratives and the Structure of Gower's Confessio Amantis*. Victoria: University of Victoria, 1993.
- Farnham, Anthony E. "The Art of High Prosaic Seriousness: John Gower as Didactic Raconteur". Ed. Larry D. Benson. *The Learned and the Lewed: Studies in Chaucer and Medieval Literature*. Harvard English Studies 5. Cambridge: Harvard University Press, 1974. 161-73.
- Ferreira, António Gomes. *Dicionário de Latim-Português*. Porto: Porto Editora, 1994.
- Gallacher, Patrick J. *Love, the Word, and Mercury: A Reading of John Gower's Confessio Amantis*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1975.
- Gower, John. Ed. G. C. Macaulay. *The English Works of John Gower*. London: Oxford University Press, 1979.
- . Ed. Russell A. Peck. *Confessio Amantis*. Toronto: University of Toronto Press, 1980.
- . Trad. Juan de Cuenca. Ed. paleográfica Elena Alvar. Prólogo Manual Alvar. *Confesión del Amante*. Madrid: Anejos del Boletín de la Real Academia Española, 1990.
- Kinneavy, Gerald. "Gower's *Confessio Amantis* and the Penitentials". *Chaucer Review* 19 (1984): 114-61.
- Machado, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

- . *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sociedade da Língua Portuguesa e Amigos do Livro Editores, 1981.
- . *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- Martins, Mário. “Como ‘Apolónio de Tiro’ chegou até nós através de John Gower”. *Estudos de Cultura Medieval* III. Lisboa: Editorial Verbo, 1983. 133-44.
- Morais Silva, António. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1945.
- Murray, James A. H., et al., eds. *Oxford English Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1961.
- Nascentes, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.
- Oliveira, Maria do Carmo Correia de. “Traduções Reais, Reais Traduções”. Eds. Teresa Seruya e Maria Lin Moniz. *Histórias Literárias Comparadas*. Lisboa: Colibri, 2001. 83-94.
- Pickles, J. D. e Dawson, J. L. *A Concordance to John Gower's Confessio Amantis*. Cambridge: D. S. Brewer, 1987.
- Santano Moreno, Bernardo. *Estudio sobre Confessio Amantis de John Gower y su Versión Castelhana, Confisyon del Amante de Juan de Cuenca*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1990.
- Scala, Elizabeth. *Absent Narratives, Manuscript Textuality, and Literary Structure in Late Medieval England*. New York: Palgrave e Macmillan, 2002.
- Yeager, R. F. “John Gower and the *Exemplum* Form: Tale Models in the *Confessio Amantis*”. *Mediaevalia* 8 (1982): 307-35.